

BUROCRACIA E REIFICAÇÃO NO MUNDO ADMINISTRADO DE ADORNO

influência de Weber e Lukács

BUREAUCRACY AND REIFICATION IN ADORNO'S
ADMINISTERED WORLD

influences from Weber and Lukács

Ariane Velasco¹

¹ Graduada em Filosofia (2023) pela Universidade de São Paulo. E-mail: velascoariane98@gmail.com.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2716757339450089>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1297-7145>.

RESUMO: O presente artigo visa analisar o conceito de *mundo administrado* adorniano. Trata-se de apresentar a hipótese de uma incorporação do conceito de burocracia weberiano na filosofia de Theodor W. Adorno, bem como do conceito de reificação lukacsiano, a partir da observação de semelhanças e diferenças entre as imagens apresentadas por Weber, Lukács e Adorno, compreendendo assim como a ideia de administração se relaciona com a burocracia e com a reificação. Retomando a influência de ambos autores sobre os textos de Adorno através da análise dos textos e conceitos utilizados, tem-se o *mundo administrado* – que traz como característica fundamental a indústria cultural como sujeito e objeto da racionalidade administrativa, ou racionalidade calculadora, conforme apontado por Adorno de diferentes maneiras, em diversas obras.

Palavras-chave: Mundo administrado. Burocracia. Reificação. Indústria cultural.

ABSTRACT: This article aims to analyze Theodor W. Adorno's idea of an *administered world* as a concept which brings the influence of both Max Weber's concept of bureaucracy and György Lukács' concept of reification. In order to work on this hypothesis, similarities and differences between all three authors and their approach towards society are to be considered, having as their background an investigation on how Adorno's idea of administration incorporates weberian and lukacsian elements. As a result, the concept of *administered world* is approached as a world which brings as its main feature the cultural industry (which is both subject and object of what can be seen as an administrative rationality, or as a rationality whose foundation is calculation, as Adorno states in different ways, in many of his works).

Keywords: Administered world. Bureaucracy. Cultural industry.

INTRODUÇÃO

O texto *Cultura e administração* (1960), de Adorno, evidencia que a relação entre cultura e administração é muito mais próxima do que pode parecer, embora ambas – em sua forma “pura” – sejam diferentes. Afinal, “quem diz cultura, diz também administração; quer queira, quer não” (ADORNO, 2020, p. 241). Tal afirmação, por si só, já mostra que os indivíduos são subjugados pela administração ao inclinarem-se para a cultura, independentemente de sua vontade, uma vez que é a racionalidade administrativa que reúne tantos elementos diferentes sob um denominador comum.

Ao nos atentarmos ao conceito de mundo administrado (*verwaltete Welt*), presente sobretudo em uma conferência radiofônica onde, junto a Horkheimer, Adorno pensa a condição do sujeito em um mundo completamente organizado de antemão, que lhe dita normas de comportamento, códigos de conduta e, principalmente, que o reduz a um mero instrumento do aparato técnico-administrativo, podemos compreender a conexão entre cultura e administração. Afinal, a indústria cultural é constituída como o instrumento de integração e adaptação ao mundo administrado, e que irá operar a captura da subjetividade dos indivíduos.

A fim de compreender melhor a problemática posta, as menções constantes à teoria de Max Weber em *Cultura e administração* devem ser analisadas. Elas se referem ao conceito de burocracia que, conforme diz Adorno, citando a obra *Economia e sociedade*, “tende a expandir-se” (ADORNO, 2020, p. 244). O presente artigo visa investigar as relações conceituais entre a administração adorniana e a burocracia weberiana, explorando seus pontos de convergência e seus limites. Para o aprofundamento da compreensão do conceito de mundo administrado, evidenciar-se-ão, também, possíveis conexões entre a teoria adorniana (sobretudo no que tange ao conceito de racionalidade calculadora) e o conceito de reificação de Lukács, em *História e consciência de classe*. É, afinal, a crítica à razão calculadora e à reificação por parte de Adorno que o permite seguir com sua crítica ao mundo administrado.



1 BUROCRACIA E MUNDO ADMINISTRADO

A obra *Economia e sociedade*, de Max Weber, traz considerações sobre os estudos do autor acerca do desenrolar histórico do que é definido por ele como dominação (*Herrschaft*). Conforme amplamente difundido, são três os tipos puros de dominação: tradicional, carismática e burocrática (WEBER, 2004, p. 526). Nos ocupamos do último que, conforme pontua Weber, é bem-vindo ao capitalismo², por se tratar de uma forma de dominação cujo pressuposto é uma racionalidade meio-finalística (*Zweckrationalität*)³, cuja finalidade é alcançar a organização máxima de instituições privadas e estatais em prol de seus objetivos. É justamente essa razão meio-finalística que leva ao avanço das organizações burocráticas devido à sua superioridade técnica, uma vez que:

A razão decisiva do avanço da organização burocrática sempre foi sua superioridade puramente técnica sobre qualquer outra forma. (...) precisão, rapidez, univocidade, conhecimento da documentação, continuidade, discricção, uniformidade, subordinação rigorosa, diminuição de atritos e custos materiais e pessoais alcançam o ótimo numa administração rigorosamente burocrática (especialmente monocrática) exercida por funcionários individuais treinados, em comparação a todas as formas colegiais ou exercidas como atividade honorária ou acessória (...) (WEBER, 2004, p. 212).

² Essa observação é feita em vários lugares em *Economia e sociedade*. No que tange à autoridade burocrática, diz Weber: "estes três fatores [1. distribuição fixa das atividades, 2. poderes de mando fixamente distribuídos e meios coativos, 3. planejamento por pessoas com qualificação regulamentada] constituem, na dominação baseada no direito público, a existência de uma autoridade burocrática, e na dominação da economia privada, a empresa" burocrática. Nesse sentido, essa instituição dentro das comunidades políticas e eclesíásticas somente chega a estar plenamente desenvolvida no Estado moderno e, dentro da economia privada, somente nas formas mais avançadas do capitalismo" (WEBER, 2004, p. 199). Já, no que tange às relações sociais desenvolvidas no capitalismo sob a burocracia, diz ele: "a burocracia em seu desenvolvimento pleno encontra-se, também, num sentido específico, sob o princípio *sine ira ac studio*. Ela desenvolve sua peculiaridade específica, bem-vinda ao capitalismo, com tanto maior perfeição quanto mais se 'desumaniza', vale dizer, quanto mais perfeitamente consegue realizar aquela qualidade específica que é louvada como sua virtude: a eliminação do amor, do ódio e de todos os elementos sentimentais, puramente pessoais e, de modo geral, irracionais, que se subtraem ao cálculo, na execução das tarefas oficiais. Em vez do senhor das ordens mais antigas, movido por simpatia pessoal, favor, graça e gratidão, a cultura moderna exige para o aparato externo em que se apoia o especialista não-envolvido pessoalmente e, por isso, rigorosamente 'objetivo', e isto tanto mais quanto mais ela se complica e especializa. E tudo isto a estrutura burocrática oferece numa combinação favorável" (ibidem., p. 213). "

³ "É, afinal, sobretudo na burocracia, que o cargo assume uma finalidade impessoal, objetiva" (WEBER, 2004, p. 200).



Essa racionalidade burocrática é uma racionalidade formal⁴, cujo pressuposto é a impessoalidade das ações – realizadas por especialistas, tanto no âmbito público quanto privado. É a união entre a racionalidade administrativa e as necessidades produtivas do capitalismo que fomenta o avanço da burocracia⁵ – e ela também está presente no Estado moderno, já que se mostra útil também para a necessidade de organização de uma sociedade em expansão.

Ainda na mesma obra, Weber diz que a burocracia se divide em 1. "distribuição fixa das atividades regularmente necessárias para realizar os fins do complexo burocraticamente dominado"; 2. "poderes de mando" fixamente distribuídos e "meios coativos (físicos, sacros ou outros) (...) fixamente delimitados por regras"; 3. "cumprimento regular e contínuo dos deveres assim distribuídos" e "exercício dos direitos correspondentes", feito por "pessoas com qualificação regulamentada de forma geral" (WEBER, 2004, p. 199). Dentro dessa lógica funcionam tanto o funcionalismo moderno do setor público quanto a empresa privada. A organização burocrática se dá a partir de regras gerais, legalidade, fixação da hierarquia e das atividades, pleno emprego da força de trabalho, documentação e divisão entre âmbito privado e escritório (ibidem, pp. 199-200). Ao traçar tais características de limitação de atividades, papéis e hierarquia, Weber oferece o diagnóstico de uma racionalidade em contínua expansão, apoiada em regras abstratas, às quais os indivíduos devem se adequar. É na burocracia que a ocupação de um cargo é equivalente “à aceitação de um específico dever de fidelidade ao cargo, em troca de uma existência assegurada” (WEBER, 2004, p. 200), que, não obstante, é uma fidelidade impessoal e objetiva, que acaba sendo transfigurada ideologicamente em imperativo, sob ideias tais como “‘Estado’, ‘igreja’⁶, ‘comunidade’, ‘partido’ e ‘empresa’” (ibidem, p. 201). Tais elementos estão por trás da

⁴ Sobre o termo, diz Löwy: “Max Weber utiliza os termos racionalidade em finalidade (*Zweckrationalität*) e racionalidade em valor (*Wertrationalität*), ou ainda racionalidade formal e racionalidade material” (cf. LÖWY, 2014, p. 118). Ambas são opostas uma à outra: enquanto a *Zweckrationalität* é impessoal e voltada para a eficiência técnica, a *Wertrationalität* está relacionada a uma espécie de preocupação com o bem, com os valores que guiam a ação.

⁵ Mesmo que a burocracia não seja somente encontrada no capitalismo, segundo Weber.

⁶ A explicação para incluir a igreja entre tais categorias vem adiante: “(...) também o bispo, o sacerdote, o pregador deixaram de ser, hoje em dia, o que eram nos tempos cristãos primitivos: o portador de um carisma puramente pessoal, cujos bens de salvação supramundanos dispensa, por encargo daquele senhor e, em princípio, somente responsável diante deste, a toda pessoa que lhe parece digna e aspira a estes bens. Mas sim, ao contrário, apesar da subsistência parcial da antiga teoria, ele veio a ser um funcionário a serviço de uma finalidade objetiva, que na ‘igreja’ atual foi ao mesmo tempo objetivada e ideologicamente transfigurada” (WEBER, 2004, p. 201).

expansão da racionalidade burocrática como fundamento do capitalismo, uma vez que, para Weber, tal imposição de regras abstratas, aliada ao pagamento em dinheiro, consolida o aparato burocrático enquanto *modus operandi* mantenedor do capitalismo, de modo que:

Um salário garantido em dinheiro, em conexão com a possibilidade de uma carreira que não depende puramente do acaso e da arbitrariedade, da disciplina e do controle enérgicos, mas que respeita o sentimento de dignidade, além do desenvolvimento de um sentimento de honra estamental e a possibilidade de crítica pública, oferece, segundo toda experiência, o ótimo relativo para o estabelecimento e a conservação de uma mecanização rigorosa do aparato burocrático, e, sob este aspecto, ele funciona com maior segurança do que qualquer escravização jurídica, pois uma forte consciência estamental dos funcionários não apenas é compatível com a disposição à subordinação incondicional aos superiores, mas – como no caso do oficial – é consequência desta, por equilibrar o sentimento de dignidade pessoal dos funcionários (...). O caráter profissional puramente 'objetivo' do cargo, com sua separação, por princípio, entre a esfera privada do funcionário e a da atividade oficial, facilita a adaptação às condições objetivas fixas dadas, de uma vez por todas, do mecanismo baseado em disciplina (WEBER, 2004, pp. 207-208.).

Dessa maneira, a união e a afinidade entre a economia capitalista e a burocracia são evidenciadas por Weber enquanto característica fundamental da sociedade moderna⁷ – e o diagnóstico realizado em *Economia e sociedade* evidencia a dependência dos indivíduos para com o aparato burocrático em que se encontram, já que o mesmo é de grande importância para o desenvolvimento da economia capitalista em todas as instâncias.

1.1 Racionalidade instrumental/calculadora na *Dialética do Esclarecimento*

Questões acerca de uma racionalidade abstrata, que seria bem-vinda ao capitalismo, também são encontradas (com seus respectivos desdobramentos) em Adorno e Horkheimer, cujo exemplo de obra mais expressivo que trata do tema é a *Dialética do Esclarecimento*, onde

⁷ Diz Weber: "ainda que o desenvolvimento pleno da economia monetária não seja uma condição prévia indispensável da burocratização, esta última, como estrutura especificamente contínua, está vinculada a um pressuposto: a existência de receitas contínuas para sua conservação. Onde quer que estas não possam provir do lucro privado – como na organização burocrática das grandes empresas modernas – ou de tributos fundiários – como nos senhorios feudais –, um firme sistema de impostos é a condição prévia da existência permanente de uma administração burocrática" (WEBER, 2004, p. 208). Desse modo, podemos compreender os salários, em uma economia monetária, como "substitutos" para a "disciplina e o controle enérgico".

ambos se referem a uma racionalidade “instrumental e calculadora”, voltada para a dominação da natureza e que acaba também por subjugar aqueles que a utilizam, ou seja, os indivíduos.⁸

Anos após a publicação da *Dialética do Esclarecimento*, Adorno dirá, em *Cultura e administração*, que a racionalidade administrativa tende à expansão, em uma de suas citações a Weber: “Burocracias devem, segundo sua própria lei, expandir-se. (...) Em essência, Weber fundamenta essa tese pela superioridade técnica da administração de tipo organizacional à de tipo tradicional” (ADORNO, 2020, p. 244). Segundo Michael Löwy, há um aprofundamento crítico da concepção de racionalidade realizado por Adorno e Horkheimer⁹, quando comparada a de Weber, que culmina no conceito de racionalidade instrumental. Para Adorno, somente o conceito de racionalidade weberiano, “restrito à correlação de meios e fins, impede o juízo sobre a racionalidade dos fins” (ibidem, p. 244), de modo que seria preciso algo mais para explicar “por que os aparatos administrativos, no sentido mais antigo da palavra, transformaram-se nos aparatos do mundo administrado, adentrando áreas até então não administradas” (ibidem, p. 245). Quanto a uma possível resposta à questão, a tentativa de investigação traz novas nuances ao problema abordado: “responsável por isso talvez seja a expansão das relações de troca sobre a totalidade da vida, com a crescente monopolização” (ibidem).

A despeito da crítica ao conceito de racionalidade weberiano, os escritos de Weber não foram, jamais, desconsiderados por Adorno, já que a relação entre a burocracia (com sua racionalidade meio-finalística intrínseca) e capitalismo teriam muito a acrescentar à crítica adorniana¹⁰, malgrado a busca de Weber pela neutralidade axiológica – que

⁸ Assim, temos que o esclarecimento, relacionado por Adorno e Horkheimer ao conceito de razão calculadora e difundido a partir de ideia de razão instrumental, não nasceu no capitalismo (cf. ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 38). Ao contrário: os frankfurtianos, a partir de Ulisses e Juliette (respectivamente, no primeiro e no segundo excurso da *Dialética do Esclarecimento*), apontam uma relação entre tal racionalidade e a dominação da natureza, fator que não pode e nem deve ser negligenciado (Cf. FEENBERG, 2020, p. 381). A crítica do esclarecimento parece trazer, em si, tanto a burocracia weberiana permeada pela razão meio-finalística (*Zweckrationalität*) quanto a razão calculadora de Lukács, influenciada por Weber. Referências à finalidade e ao cálculo, que incluem as palavras alemãs *Zweck* e *Kalkulation* são constantes na *Dialética do Esclarecimento* (cf. ADORNO; HORKHEIMER. *Dialektik der Aufklärung: Philosophische Fragmente*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1988).

⁹ LÖWY, 2014, p. 119.

¹⁰ É imprescindível citar a declaração que Adorno fez a respeito da jaula de ferro oriunda da burocratização weberiana: “it has taken more than forty years since Weber’s death to appreciate the deadliest and most suffocating implication of bureaucratic authority – the administered world.” (STAMMER, Otto *apud* GREISMAN; RITZER, 1981. p 53).

encontramos sob o que, para Löwy, consiste em uma tradução inexata do termo *Wertfreiheit*, ou “ciência livre de julgamentos de valor” (LÖWY, 2014, p. 46) e que acompanhou boa parte dos estudos weberianos¹¹. Curiosamente, porém, não poderíamos deixar de notar que mesmo Weber traz ambivalências em seu pensamento, que são interpretadas por Löwy como sendo uma “digressão crítica”, presente na figura da “jaula de aço”, que ilustra a visão de Weber acerca de um capitalismo que, enquanto criação dos indivíduos, se impõe sobre eles de forma inexorável, “como jamais na história” (ibidem, p. 49). Ora, tal ideia de imposição, de controle que se sobrepõe e de sufocamento da individualidade muito nos remete à visão de Adorno em textos como a *Dialética do Esclarecimento* e *Die Verwaltungte Welt oder: die Krise des Individuums*. Embora seja comum a contraposição entre autores “neutros” e autores críticos, a própria crítica adorniana traz elementos weberianos.

Para compreender o conceito de mundo administrado de forma mais atenta, entretanto, é importante observar que ele também se apoia em um fenômeno amplamente citado na *Dialética do Esclarecimento* – a saber, a reificação, conceito trabalhado na obra *História e consciência de classe*, de Lukács – conceito este reconhecido por Adorno, a despeito das críticas ferrenhas exercidas sobretudo a respeito da obra tardia de Lukács (autor que, é digno de nota, foi influenciado por Weber)¹².

1.2 A razão calculadora: o jovem Lukács e sua influência sobre Adorno

¹¹ Cf. WEBER, Max. *O sentido da 'neutralidade axiológica' nas ciências sociais e econômicas*. In.: Metodologia das ciências sociais (parte 2). 3 ed. Campinas: Editora Unicamp, 2001.

¹² A influência dos escritos de juventude de Lukács sobre Adorno e outros teóricos críticos é citada por uma ampla gama de autores, com destaque para Löwy, para quem Lukács é uma das principais figuras do intitulado marxismo weberiano. Segundo Löwy, o marxismo weberiano é uma “expressão inventada por Merleau-Ponty para designar, no livro ‘As aventuras da Dialética’, publicado em 1955, a corrente marxista ocidental mais marcada por ideias de Weber, em particular György Lukács e seus discípulos” (LÖWY, 2014, p. 111). É importante ressaltar que Lukács participou de grupos de estudos na casa de Max e Marianne Weber, sendo que as trocas de cartas entre ambos permaneceram até 1920 (ibidem, p. 112), embora a relação tenha sido marcada por críticas ferrenhas da parte de Lukács ao pensamento weberiano vinte e cinco anos depois da publicação de *História e consciência de classe* – e malgrado o retorno a Weber em 1966 (ibidem, p. 115). Para Löwy, “embora não seja um ‘discípulo de Weber’, o Lukács de 1923 refere-se ainda assim, e de maneira bastante substancial, aos argumentos e aos conceitos weberianos, reinterpretando-os à sua maneira. Podemos considerar que o capítulo central de *História e consciência de classe*, baseado na análise da reificação (*Verdinglichung*), é uma síntese poderosa e original da teoria do fetichismo da mercadoria de Marx e da teoria da racionalização de Weber” (ibidem, p. 123). Adorno também exerceu diversas críticas a Lukács. Como exemplo, temos o texto *Extorted reconciliation: on Georg Lukács' Realism in Our Time* (New York: Columbia University Press, 2019).

Segundo Löwy (2014, p. 119), poderíamos admitir uma influência marxista-lukacsiana, para além da influência de Weber, nos escritos dos “filósofos de Frankfurt”. Assim, embora “o diagnóstico pessimista da sociedade moderna na *Dialética do Esclarecimento*” deva muito a Weber, segundo o autor,

(...) o ponto de vista dos filósofos de Frankfurt é muito mais radical e inspirado por uma perspectiva marxista-lukacsiana. Enquanto Weber se esforça para estabelecer uma constatação 'neutra' e 'objetiva' – ou ao menos resignada –, Adorno e Horkheimer não hesitam em denunciar a reificação produzida pela razão calculadora que reduz tudo a quantidades abstratas (...) (LÖWY, 2014, p, 119)

As influências de Weber sobre Lukács tampouco foram ignoradas por Löwy. É na obra *História e consciência de classe*, conforme já citado, que vemos diversos conceitos weberianos e a influência da razão meio-finalística (*Zweckrationalität*) weberiana sobre o pensamento de Lukács. Torna-se, assim, importante nos determos na análise deste livro, sobretudo no capítulo referente à reificação da consciência do proletariado, a partir do qual é possível traçar conexões entre o pensamento de Adorno e o de Lukács sobre a reificação e cálculo racional (*Rechenhaftigkeit*)¹³. Tal comparação nos permitirá encontrar uma espécie de eixo comum entre Weber, Lukács e Adorno, uma vez que a própria influência lukacsiana sobre Adorno traz, em si, um componente weberiano.

Podemos iniciar tal observação enfatizando que justamente a palavra cálculo é utilizada diversas vezes por Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*, onde a reificação e o cálculo (ou seja, a racionalidade instrumental), na busca pela dominação da natureza, transformam o conhecimento em “operation, em procedimento eficaz” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 18). Desse modo, “o número tornou-se o cânon do esclarecimento [*Aufklärung*]. As mesmas equações dominam a justiça burguesa e a troca mercantil, e a sociedade burguesa está dominada pelo equivalente. Para o esclarecimento, aquilo que não se reduz a números e, por fim, ao uno, passa a ser ilusão” (ibidem, p. 20). A crítica ao mundo administrado bebe dessa fonte. Afinal, sem o império da razão calculadora, não seria possível exercer um controle “de cima”¹⁴ sobre cada indivíduo, e menos ainda

¹³ Cf. LÖWY, 2014, p. 113.

¹⁴ A menção a esse controle *de cima* está presente tanto no texto *Cultura e administração* (São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 241) quanto na conferência radiofônica *Die verwaltete Welt oder: die Krise des Individuums*

expandir esse controle a partir de uma postura abstrata diante de qualquer particularidade, de qualquer característica que possa ir além do que está previamente calculado. Essa racionalidade está pautada, além disso, nas relações de troca, que operam a partir da abstração total, da quantidade. Ora, para Weber, a razão meio-finalística (*Zweckrationalität*) se trata justamente desse procedimento racional, que visa os melhores meios para obter determinado fim. Tendo tal perspectiva em mente, as análises de Weber, Lukács e Adorno permitem uma compreensão mais profunda da burocracia e do mundo administrado enquanto pautados na administração como pressuposto – administração esta que traz junto a si um tipo característico de racionalidade: a meio-finalística. Lukács contribui, também, com a dimensão crítica da análise adorniana, que se volta também ao capitalismo, ao invés de aceitá-lo (mesmo a contragosto), em uma espécie de “romantismo resignado” – como faz Weber (LÖWY, 2014, p. 121).

Na *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer são enfáticos: “com a difusão da economia mercantil burguesa, o horizonte sombrio do mito é aclarado pelo sol da razão calculadora [*kalkulierenden Vernunft*], sob cujos raios gelados amadurece a sementeira da nova barbárie” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 38). Essa postura crítica, conforme aponta Löwy, “vai muito além das ambivalências de Weber” (LÖWY, 2014, p. 119), embora certos momentos da obra do sociólogo pareçam “antecipar a *Dialética do Esclarecimento*” (ibidem)¹⁵. Dada a influência de Lukács para a crítica do esclarecimento que ancora o conceito de mundo administrado, podemos analisar passagens em que o próprio Lukács se vale da teoria de Weber, nos *Politische Schriften* e em *Economia e sociedade*, para o desenvolvimento de sua análise da reificação da consciência do proletariado, em *História e consciência de classe*, justamente ao se referir ao diagnóstico weberiano acerca do “cálculo racional”, que transforma o Estado em uma empresa, tal como a fábrica – ambos se assemelhando devido ao poderio de outrem sobre os materiais necessários para a realização das atividades econômicas:

Max Weber também acrescenta a essa descrição, muito justamente, a razão e o significado social desse fenômeno: “a empresa capitalista moderna baseia-se internamente sobretudo no cálculo. Para existir, ela precisa de uma justiça

(Frankfurt am Main: Fischer, 1989, p. 123). O primeiro texto é de 1960, enquanto a conferência data de 1950, sendo de grande importância para a compreensão do conceito de mundo administrado.

¹⁵ Outros autores que evidenciam a relação entre Adorno e Weber são Cohn (2020) e Greisman & Ritzer (1968).

e de uma administração, cujo funcionamento também possa ser, pelo menos em princípio, calculado racionalmente segundo regras gerais sólidas, tal como se calcula o trabalho previsível efetuado por uma máquina (WEBER, 1921, pp. 140-2 apud LUKÁCS, 2003, p. 215, grifos do autor)¹⁶.

Lukács acrescenta ao diagnóstico weberiano acerca da racionalização um fator fundamental: a universalização da mercadoria, das relações de troca que se impõem no capitalismo – fator esse que também se relaciona com o conceito de mundo administrado adornoiano. Afinal, é devido à universalidade da mercadoria e das relações de troca que a racionalidade operante se impõe e abarca todas as esferas da sociedade e das relações entre indivíduos, que assumem a “objetividade fantasmática” (LUKÁCS, 2003, p. 223) de uma relação entre coisas. Nesse sentido, para Lukács, (e a constatação tende a ser semelhante para Adorno e Horkheimer): “não há nenhuma forma natural de relação humana, tampouco alguma possibilidade para o homem fazer valer suas ‘propriedades’ físicas e psicológicas que não se submetam, numa proporção crescente, a essa forma de objetivação” (ibidem.).

Essa observação acerca das “‘propriedades’ físicas e psicológicas dos indivíduos” está relacionada ao comportamento dos indivíduos ao venderem a sua força de trabalho – única “propriedade” que lhes resta. Nesse sentido, os indivíduos são reificados assim como a mercadoria que produzem e que é vendida sob o critério da troca de equivalentes, uma vez que:

Essa fragmentação do objeto da produção implica necessariamente a fragmentação do seu sujeito. Como consequência do processo de racionalização do trabalho, as propriedades e particularidades humanas do trabalhador aparecem cada vez mais como simples fontes de erro quando comparadas com o funcionamento dessas leis parciais abstratas, calculado previamente (LUKÁCS, 2003, p. 203, grifo do autor).

As características inerentes à própria subjetividade, quando submetidas à troca e à racionalidade calculadora, culminam em um indivíduo cuja consciência é reificada, adaptada às regras e condições de funcionamento da sociedade. A razão que fragmenta a produção em departamentos com seus especialistas¹⁷, que opera segundo normas pré-

¹⁶ Weber, *Gesammelte politische Schriften*. München, 1921, pp. 140-2.

¹⁷ Cf. ADORNO, *Cultura e administração*. In.: *Indústria Cultural*. São Paulo: Editora Unesp, 2020, p. 248. Questão que também é trabalhada, dentre outros textos, em *Tempo Livre* (São Paulo: Paz e Terra: 2009).

estabelecidas e busca adequar o funcionamento da sociedade às leis do mercado, fragmenta também o sujeito que nela opera, de modo que sua unidade constituinte é quebrada em prol da adaptação das “qualidades psicológicas” do trabalhador à sua função na maquinaria produtiva, sendo assim “separadas do conjunto de sua personalidade e (...) objetivadas em relação a esta última, para poderem ser integradas em sistemas especiais e racionais e reconduzidas ao conceito calculador” (LUKÁCS, 2003, p. 202). É possível traçar aqui um paralelo entre os pensamentos de Lukács e Adorno, no que tange à “captura da subjetividade” realizada pelo sistema – fundamental para o conceito de mundo administrado, que temos como horizonte. É interessante lembrar, porém, que, enquanto o foco da crítica de Lukács é a racionalidade calculadora enquanto atuante no capitalismo, Adorno, embora não desconsidere a importância da mesma para a manutenção do capitalismo tardio, remonta a sua existência, enquanto esclarecimento, para os primórdios da existência humana, devido à dominação da natureza. A respeito disso, diz Feenberg (2020, p. 381):

Os filósofos de Frankfurt rejeitam o racionalismo, em sua forma mutilada, na qual este chegou até eles. Eles enxergam na teoria de Lukács uma continuação da atitude produtivista ingênua em relação à natureza característica tanto da sociedade capitalista quanto do marxismo tradicional. Eles colocam a dominação da natureza na pauta marxista pela primeira vez, radicalizando a crítica marxista da ciência e da tecnologia, a qual começa em Lukács, mas que não é levada adiante por ele até a sua conclusão lógica. (...) Para a Escola de Frankfurt, essa não é uma omissão menor. Eles argumentam que a questão central do século XX é a dominação da natureza. Essa concepção requer certa humildade. Como ser natural, o conquistador da natureza está ele mesmo dentre os conquistados. Marx promete uma natureza completamente humanizada, mas esse projeto culmina na bomba atômica, não na utopia. Lukács promete uma ‘totalidade’, na qual a objetividade é transparente ao sujeito social, porém, cujo resultado é o totalitarismo.

Observações como essa nos permitem compreender que, embora haja uma influência e uma relação nítida entre as observações de Lukács e as de Adorno, há também divergências que não podem ser desconsideradas. A dominação da natureza não nasceu no capitalismo, embora seja útil para ele -- e por isso seria necessário, para Adorno e para os demais filósofos de Frankfurt, pensar tal questão para além dos limites nos quais a detinha Lukács. O

resultado dessa observação é uma constante divergência teórica e política, que acompanharia Adorno e Lukács constantemente.

Sem perdermos tal elemento de vista, aprofundamos a análise aqui apresentada sobre o mundo administrado nos atendo à indústria cultural que, operando pelas mesmas regras abstratas da troca de mercadorias, opera como um aparato de captura da subjetividade¹⁸ – e cujas implicações podemos observar desde a *Dialética do Esclarecimento*.

2 CÁLCULO MEIO-FINALÍSTICO, MUNDO ADMINISTRADO E A INDÚSTRIA CULTURAL

O conceito de indústria cultural remonta a obra *Dialética do Esclarecimento*, escrita a quatro punhos por Adorno e Horkheimer, durante o seu exílio nos Estados Unidos, na década de 1940. É também nessa obra que os autores tentam entender como o esclarecimento teria se transformado em seu oposto: a barbárie. Através do conceito de indústria cultural, nos deparamos com a análise crítica de uma sociedade repleta de indivíduos que, mesmo quando aparentemente usufruem da liberdade política, parecem adaptar-se a imperativos sociais culturalmente difundidos. Tal era o caso dos habitantes dos EUA, em comparação com a Alemanha nazista. Embora tal fenômeno não estivesse presente em um só país, a análise do estilo de vida estadunidense permitiu que Adorno e Horkheimer desenvolvessem escritos acerca da captura da subjetividade (e da individualidade) pela indústria cultural, o que permitiu a Adorno desenvolver pesquisas que resultaram em

¹⁸ Vale lembrar porém, que, enquanto o foco da crítica de Lukács é a racionalidade calculadora enquanto atuante no capitalismo, Adorno, embora não desconsidere a importância da mesma para a manutenção do capitalismo tardio, remonta a sua existência, enquanto esclarecimento, para os primórdios da existência humana, devido à dominação da natureza. A respeito disso, diz Feenberg (2020, p. 381): “Os filósofos de Frankfurt rejeitam o racionalismo, em sua forma mutilada, na qual este chegou até eles. Eles enxergam na teoria de Lukács uma continuação da atitude produtivista ingênua em relação à natureza característica tanto da sociedade capitalista quanto do marxismo tradicional. Eles colocam a dominação da natureza na pauta marxista pela primeira vez, radicalizando a crítica marxista da ciência e da tecnologia, a qual começa em Lukács, mas que não é levada adiante por ele até a sua conclusão lógica. (...) Para a Escola de Frankfurt, essa não é uma omissão menor. Eles argumentam que a questão central do século XX é a dominação da natureza. Essa concepção requer certa humildade. Como ser natural, o conquistador da natureza está ele mesmo dentre os conquistados. Marx promete uma natureza completamente humanizada, mas esse projeto culmina na bomba atômica, não na utopia. Lukács promete uma ‘totalidade’, na qual a objetividade é transparente ao sujeito social, porém, cujo resultado é o totalitarismo.”

diversos de seus ensaios da época de exílio¹⁹, e conseqüentemente no conceito de indústria cultural, onde, através de obras pretensamente artísticas fabricadas em série, ou seja, estandardizadas, exibidas no rádio, cinema, televisão e até na literatura, a adaptação ao todo social, o conformismo frente às injustiças e a manutenção do status quo eram constantemente inculcados nos indivíduos.

A fim de compreender a relação entre a indústria cultural e a manutenção do mundo administrado, nos concentraremos na análise de textos adornianos que se referem a indústria cultural enquanto uma esfera também sujeita ao cálculo – como qualquer outra indústria no mundo administrado –, sendo justamente essa sujeição que acaba por subjugar, também, aqueles que a consomem. A partir de tal perspectiva, podemos defender a hipótese de que o conceito de indústria cultural opera um papel fundamental no pensamento de Adorno sobre o mundo administrado, carregando em si também os pressupostos weberianos e lukacsianos aos quais nos referimos até o presente momento.

2.1 A captura da subjetividade, fruto da estandardização dos produtos da indústria cultural

Textos adornianos como *Cultura e administração* e *Die verwaltete Welt oder: die Krise des Individuums* evidenciam a situação da cultura enquanto indústria que, conforme veremos, opera um papel central ao exercer o que o frankfurtiano intitula “manipulação sociopsicológica” (ADORNO, 2020, p. 223) – que remete à captura da subjetividade não só no âmbito material, mas no que há de mais profundo em sua constituição individual. É a indústria cultural que, enquanto sujeita à racionalidade burocrática e à forma mercadoria, opera em prol da continuidade da dominação na esfera subjetiva, limitando as possibilidades de emancipação social. Tal questão ocupa um papel central na teoria adorniana, cujas críticas se voltam continuamente às pretensas obras de arte que, enquanto produtos produzidos em moldes industriais e como mercadorias, seguem todos um mesmo padrão e

¹⁹ Como exemplo, podemos citar as pesquisas de Adorno junto ao Princeton Radio Research Project, sobre o qual trata, dentre outros assuntos, David Jenemann, em *Adorno in America* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007).

visam o que todos os demais produtos visam no capitalismo: o lucro²⁰. Não por acaso, diz Adorno:

Quem diz cultura, diz também administração; quer queira, quer não. A reunião de tantas coisas sem denominador comum sob a palavra “cultura”, como filosofia e religião, arte e ciência, costumes e formas de vida – em última instância, o espírito objetivo de uma época –, revela de partida o olhar administrativo, que desde cima tudo agrupa, distribui, sopesa, avalia (ADORNO, 2020, p. 241).

É do domínio da cultura pela administração que Adorno trata neste texto de 1960. Administração que, em consonância com as observações feitas acima acerca de Weber e Lukács, é fundamentada em uma racionalidade meio-finalística e calculadora, que opera sob a primazia das relações de troca e que, segundo Adorno, ao adentrar a cultura, “tudo agrupa, distribui, sopesa, avalia” (ADORNO, 2020, p. 241); mesmo as coisas mais distintas, as diferentes formas de vida, costumes e subjetividades. Ao ser administrada, a cultura é transformada em uma espécie de *commodity*²¹, e suas obras, que antes eram uma manifestação do particular contra a generalidade (ADORNO, 2020, p. 247), agora são produtos estandardizados para venda, cujos resultados impactam diretamente na subjetividade dos indivíduos, uma vez que estes, enquanto objetos da indústria cultural, têm suas escolhas limitadas ao que é ofertado pelo mercado – e esta fábrica, também, as necessidades individuais, que, para Adorno, são falsas (ADORNO, 2021, p. 110). A indústria cultural é, afinal, um conglomerado de empresas, regidas por divisões hierárquicas e normas que estabelecem, de antemão, o padrão dos produtos comercializados.

Ao ser tomada pela administração, a “cultura” é submetida à mesma racionalidade formal, abstrata e meio-finalística que rege as relações sociais nos mais diversos âmbitos. Ao expandir-se, a burocracia adentra o reino da subjetividade – e é justamente este o cerne da

²⁰ Cf. *Résumé sobre indústria cultural*. In.: *Sem diretriz: parva aesthetica*. São Paulo: Editora Unesp, 2021. Aqui, podemos aproximar as teorias de Adorno e Lukács no que tange à universalização da mercadoria.

²¹ Já na *Dialética do Esclarecimento*, dizem Adorno e Horkheimer: “Falar em cultura foi sempre contrário à cultura. O denominador comum ‘cultura’ já contém virtualmente o levantamento estatístico, a catalogação, a classificação que introduz a cultura no domínio da administração. Só a subsunção industrializada e conseqüente é inteiramente adequada a esse conceito de cultura. Ao subordinar da mesma maneira todos os setores da produção espiritual a este fim único – ocupar os sentidos dos homens da saída da fábrica, à noitinha, até a chegada ao relógio do ponto, na manhã seguinte, com o selo da tarefa de que devem se ocupar durante o dia – essa subsunção realiza ironicamente o conceito de cultura unitária que os filósofos da personalidade opunham à massificação.” (1985, p. 108)

posição crítica de Adorno acerca do mundo administrado: a administração total, a dominação e a captura da subjetividade: “a questão da competência da burocracia, que Weber endereçava à economia, acabou se expandindo, assim como a administração, até englobar toda a sociedade. Ela torna-se crítica quando abarca a esfera cultural” (ADORNO, 2020, p. 247).

Se, para o próprio Weber, a burocracia "desumaniza" os indivíduos, eliminando o amor, o ódio e todos os sentimentos pessoais²², o mundo administrado adorniano e a consequente administração da subjetividade na figura da indústria cultural promovem

(...) uma certa eficiência, rapidez de visão, prontidão de reação, de agilidade, toda uma série de tais qualidades, além de um certo tipo de dureza para com os outros e para consigo mesmo. (...) todas as características que (...) até hoje consideramos humanas são perdidas²³ (...) (ADORNO; HORKHEIMER, 1989, p. 129, tradução e grifo nossos).

O mundo administrado é marcado pela perda das qualidades humanas e a substituição destas pela indiferença, pela adaptabilidade e por características que culminam em um indivíduo “sufocado”, em uma “vida que não vive”²⁴. A preocupação de Adorno acerca da indústria cultural e sua situação, sob o império da racionalidade instrumental, está relacionada ao potencial destrutivo de uma subjetividade perdida, cujas principais referências são o nazismo, na Alemanha, e o autoritarismo mesmo em países com regime de governo democrático, como é o caso dos EUA – país em que o autor e Horkheimer estavam exilados enquanto escreviam a *Dialética do Esclarecimento*. Se, para Adorno e Horkheimer, “o que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 19), tais exigências – a de ser calculável e a de ser útil – adentram a esfera da subjetividade e as interações sociais de modo profundo, definindo tendências comportamentais, códigos de conduta e até mesmo preferências. Sob o imperativo da conformidade, torna-se necessário adequar-se a um todo

²² WEBER, 2004, p. 213.

²³ (...) *eine bestimmte Art von Tüchtigkeit, von Raschheit des Blicks, von Promptheit der Reaktion, von Wendigkeit, eine ganze Reihe derartiger Eigenschaften, auch eine bestimmte Art der Härte gegen andere und gegen sich selbst. Sie verlieren aber dafür alle die Eigenschaften, die dem im Wege stehen und die wir bis heute eigentlich als die gerade menschlichen, als die nicht bereits erfassten, angesehen haben* (ADORNO; HORKHEIMER, 1989, p. 129).

²⁴ ADORNO & HORKHEIMER, 1989, p. 123.

que pretende não deixar resquícios – e a indústria cultural reforça tal atitude. Ao analisarem o que havia de submerso na sociedade que permitiu o advento do nazismo – e encontrarem condutas muito parecidas mesmo nos EUA –, os autores realizam um estudo que busca, no cerne da racionalidade que guia a conduta dos filhos do Iluminismo, a semente do seu contrário. Adorno e Horkheimer, ao observarem um fenômeno tão presente em sua época – a indústria cultural – e contraporem-se a ele criticamente, aprofundam a questão da subjetividade em âmbito que vai além do econômico, e tornam possível mostrar os desafios em torno da individualidade e da espontaneidade em uma época em que os indivíduos se tornam cada vez mais presos ao todo administrado.

As consequências da perda da individualidade são diversas, tendo como destaque, conforme já mencionado, a fácil adesão a regimes autoritários, ditadores, totalitários, uma vez que os "indivíduos" encontram-se cada vez mais adaptáveis²⁵, perdendo a inclinação a sentimentos tais como a empatia em prol da maquinaria social a qual estão submetidos – que funciona sob o imperativo da hierarquia e da técnica sobre ações que deveriam ser somente expressão de reconhecimento da condição do outro, como o cuidado:

Já não há mais qualquer refúgio, inclusive na Europa; aos que perdem sua posição no mundo administrado, nenhuma pobreza digna, nem mesmo a hipótese de travessia modesta do inverno. Basta lembrar uma existência como a de Paul Verlaine, ao final do século XIX: um alcoólatra desclassificado que, mesmo quando estava na pior, encontrou em hospitais de Paris médicos amigáveis e compreensivos que, em meio às condições mais extremas, preservaram-no do mais extremo. Algo semelhante seria impensável hoje. Não que hoje faltem tais médicos, ou gente amigável; em certo sentido, no mundo administrado, cresceu o humanitarismo enquanto cuidado de todos por todos. Ocorre somente que, hoje, não obtendo de sua administração permissão para abrigar e honrar o gênio vagabundeante, esses

²⁵ Não por acaso, diz Rodrigo Duarte (2003, p. 34), ao comentar sobre o "sujeito do jazz": "a referência de Adorno à resignação dos ouvintes da música de massa aponta, ao contrário, para a construção daquilo que o autor chama de 'sujeito-do-jazz' (Jazzsubjekt): o indivíduo reificado, que tem 'muito tempo livre e pouca liberdade', é despolitizado, de temperamento destrutivo e está preparado para apoiar projetos políticos autoritários, caso isso se lhe apareça como algo inevitável." Podemos também adotar a posição de Crochík (2001), para quem o fenômeno da semicultura aliado à crescente influência da indústria cultural torna os indivíduos cada vez mais incapazes de compreenderem o que os mantém presos ao todo administrado e às suas atividades laborais em um capitalismo no qual já seria possível "eliminar a miséria existente da face da Terra e reduzir nosso tempo de trabalho a um mínimo, quando ocorre o contrário" (ibidem, p. 7). Também para Crochík (ibidem, p. 6), "a crítica da ideologia, ou seja, a negação determinada, deve se voltar também aos mecanismos psíquicos que levam à adesão à mentira manifesta". Ou seja, a questão, para esses autores, é a de saber "o que leva os homens a se conformarem com uma sociedade que expropria continuamente o sentido de suas vidas". A relação entre indústria cultural, racionalidade burocrática e mundo administrado seria o modus operandi de uma dominação total, inclusive no âmbito sociopsicológico.



médicos talvez se desencorajassem de poupá-lo. Em vez disso, ele seria objeto da Assistência Social, (...) seria apartado de seu modo de vida, e com isso talvez perdesse a chance de expressar o modo como antes se sentira no mundo (...) (ADORNO, 2020, p. 258).

Tal trecho de *Cultura e administração* é um dos que melhor evidenciam a ligação entre a racionalidade burocrática e a perda da individualidade que poderia levar os indivíduos a expressarem-se no mundo. Seja pela figura dos "médicos amigáveis", que já não são mais permitidos a sê-lo, seja pela figura do artista que, embora em uma condição de marginalidade, já não mais poderia expressar-se pela arte quando integrante de uma instituição que proporciona o cuidado aos moldes do mundo administrado, percebemos que cada indivíduo exerce uma espécie de função no maquinário social²⁶, ocultando sua personalidade, suas idiossincrasias e tudo o que poderia torná-lo alguém que foge à regra geral, transformando a adequabilidade e a adaptabilidade em imperativos do convívio social.

Isso não quer dizer, entretanto, que qualquer organização é perigosa. Mesmo Adorno e Horkheimer dizem, na conferência de 1950, que não se trata de contrapor-se a regras que organizam o funcionamento da sociedade somente, ou à racionalidade em seu conceito amplo, mas sim à "organização" que busca legitimar o jogo de forças cego da sociedade liberal²⁷, que corresponde à maioria das organizações, dada a sua submissão à troca de mercadorias, e racionaliza o que, na verdade, é irracional, moldando toda a sociedade e inclusive aspectos da vida privada dos indivíduos conforme a sua racionalidade específica e reforçando um aspecto já notado por Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*:

O fato de que em toda carreira, mas sobretudo nas profissões liberais, os conhecimentos especializados estão, via de regra, ligados a uma mentalidade de conformismo às normas, enseja facilmente a ilusão de que os conhecimentos especializados são os únicos que contam. Na verdade, faz parte do planejamento irracional dessa sociedade reproduzir sofrivelmente tão somente as vidas de seus fiéis. (...) Pode-se confiar no manager, e confiável também é o pequeno empregado (...). Quem tem frio e fome, sobretudo quando já teve boas perspectivas, está marcado. Ele é um outsider e, abstração feita de certos crimes capitais, a culpa mais grave é a de ser um outsider (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 124).

²⁶ *Gesellschaftlichen Maschinerie*, termo usado por Adorno em *Die verwaltete Welt oder: die Krise des Individuums* (1989, p. 123).

²⁷ (...) *des blinden Kräftespiels der liberalistischen Gesellschaft* (ADORNO; HORKHEIMER, 1989, p. 127).

A indústria cultural reforça esses padrões de conformidade. Assim, enquanto os aparatos burocráticos se perpetuam e encontram uma pretensa justificação racional para a sua existência, as – também pretensas – obras de arte da indústria cultural reforçam a adesão ao todo das organizações sociais, que retiram dos indivíduos características fundamentais para a reflexão e o próprio exercício da crítica. Tem-se a receita para o mundo administrado, onde a dominação atinge os indivíduos também no âmbito sociopsicológico. Não é outra coisa que se diz em textos como *Tempo Livre*, no qual, segundo Adorno:

O tempo livre é acorrentado ao seu oposto. Esta oposição, a relação em que ela se apresenta, imprime-lhe traços essenciais. Além do mais, muito mais fundamentalmente, o tempo livre dependerá da situação geral da sociedade. Mas esta, agora como antes, mantém as pessoas sob um fascínio. Nem em seu trabalho, nem em sua consciência dispõem de si mesmas com real liberdade (ADORNO, 1995, p. 62).

Para Adorno, as atividades realizadas no pretense tempo livre dos indivíduos – que nada mais significa do que o tempo que não é gasto trabalhando e que, por isso mesmo, se define com base em seu oposto, ou seja, o tempo "ocupado" –, seguem todas uma espécie de continuidade da lógica mercantil da sociedade, na medida em que "penetram profundamente nas próprias características das pessoas, em sua constituição íntima" (ibidem.). Em outras palavras, é no tempo livre que os indivíduos continuam "operando" sob a lógica mercantil do consumo, aderindo ao padrão de comportamento e racionalidade que guia todas as ações em sociedade. Nesse sentido, "numa época de integração social sem precedentes, fica difícil estabelecer, de forma geral, o que resta nas pessoas, além do determinado pelas funções", e "mesmo onde o encantamento se atenua e as pessoas estão ao menos subjetivamente convictas de que agem por vontade própria, essa vontade é modelada por aquilo de que desejam estar livres fora do horário de trabalho" (ibidem.). Isso porque os indivíduos são submetidos às mesmas regras e a mesma racionalidade que toma conta do trabalho e lhes prescrevem as "regras de sua existência" (ibidem.). Dessa maneira, a racionalidade intrínseca ao *modus operandi* do trabalho se alastra para as outras esferas de vida – que, aparentemente, são separadas e delimitadas com relação ao tempo em que se passa realizando atividades que constituem o trabalho.

Não podemos deixar de observar que um movimento semelhante ocorre com a burocracia, que adentra a esfera subjetiva. Pudera, uma vez que, também em *Tempo Livre*, trata-se de compreender a mesma racionalidade, que guia a conduta individual sob a afirmação que a mesma se dá através de uma espécie de “vontade totalmente livre”, quando, segundo Adorno, o próprio tempo livre é definido como algo que “segue diretamente o trabalho como sua sombra” (ADORNO, 1995, p. 68). Isso o transforma em nada mais do que uma extensão da racionalidade e da conduta estabelecida e imposta (ainda que inconscientemente) no ambiente de trabalho. O entretenimento é, afinal, mercadoria.

São ideias tais como a exposta em *Tempo Livre* que levam Adorno a afirmar a falta de liberdade e de espontaneidade dos indivíduos em *Die verwaltete Welt oder: die Krise des Individuums*, e que, ainda no tempo de exílio, levavam o autor a refletir sobre a condição do indivíduo submetido a um poderio que se estende desde a padronização de projetos arquitetônicos até os *hits* na rádio ou as produções cinematográficas²⁸, e que “destinam-se a perpetuar o indivíduo como se ele fosse independente, [mas] submetem-no ainda mais profundamente a seu adversário, o poder absoluto do capital” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 99), poder esse para o qual cada indivíduo representa somente um número.

O indivíduo é estandardizado e reificado, assim como os produtos da indústria cultural que consome e, conforme afirma Lukács (2003, p. 203), assim como as atividades que exerce no “processo de trabalho”. Daí a dificuldade de pensar algo além do que está dado e é continuamente vivido, em uma espécie de atrofiamento da criatividade²⁹. No que tange à reificação, os indivíduos são reduzidos às funções que exercem; quer no trabalho, enquanto apêndices da maquinaria³⁰, quer no tempo livre, enquanto consumidores.

Com indivíduos cada vez mais atrelados ao todo, as chances de emancipação diminuem, já que a dominação tratada aqui, para além da esfera econômica, se sobrepõe ao modo de cada indivíduo ver o mundo:

²⁸ Segundo Adorno e Horkheimer: *O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda dúvida quanto à necessidade social de seus produtos* (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 100).

²⁹ Atrofiamento esse que também é abordado em *Tempo Livre* (São Paulo: Paz e Terra, 2009).

³⁰ ADORNO, 1986, p. 68.



A análise feita há cem anos por Tocqueville verificou-se integralmente nesse meio tempo. Sob o monopólio privado da cultura, “a tirania deixa o corpo livre e vai direto à alma. O mestre não diz mais: você pensará como eu ou morrerá. Ele diz: você é livre para não pensar como eu: sua vida, seus bens, tudo você há de conservar, mas de hoje em diante você será um estrangeiro entre nós”. Quem não se conforma é punido com uma impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do individualista. (...) Os consumidores são os trabalhadores e os empregados, os lavradores e os pequenos burgueses. A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 110).

Ao indivíduo, resta a autoconservação. Daí a sua tendência à adaptação que, além de inculcada desde os seus tenros anos de vida, tem como causa fundante também o medo da perda de seu posto no mundo administrado. Nesse sentido, a leitura de Adorno e Horkheimer acerca dos desdobramentos da racionalidade instrumental, ao aprofundar-se nas implicações que a dominação exerce sobre a individualidade, alcança um patamar crítico e radical, que desconfia da própria constituição individual em uma sociedade na qual já não é possível afirmar a própria individualidade³¹.

A compreensão dessa relação entre o pensamento weberiano e sua recepção pelo intitulado marxismo-weberiano ou webero-marxismo³² (que inclui Lukács e sua influência sobre Adorno e Horkheimer) é fundamental para que pensemos a condição do indivíduo sob a expansão da racionalidade burocrática e a sua conseqüente captura da subjetividade pela indústria cultural, conforme atestado por Adorno e Horkheimer. Se nos atentarmos aos textos sobre o cinema, a música e a televisão desenvolvidos por Adorno, perceberemos que a indústria cultural se comporta, ao mesmo tempo, enquanto sujeito e objeto dessa racionalidade, visto que, de um lado, as pretensas obras de arte que são desenvolvidas sob o seu controle são mercadorias e toda a sua estrutura está organizada burocraticamente. Daí ela ser um objeto. Por outro lado, porém, a indústria cultural opera um papel fundamental para a captura da subjetividade, e mantém a máquina girando, o que a transforma em um *sujeito* operante. Tal é o papel da indústria cultural no mundo administrado, evidenciando assim a sua relação com a racionalidade burocrática e com a forma mercadoria, sem as quais

³¹ Weber observa desdobramentos semelhantes acerca das características humanas em relação à burocracia: os indivíduos, conforme o autor afirma na *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, tornam-se “especialistas sem espírito, gozadores sem coração” (WEBER, 2004, p. 166).

³² Cf. LÖWY, 2014, p. 112.

não é possível pensá-la. Por isso, a essa junção entre racionalidade burocrática (com vistas a fins, enquanto cálculo ou instrumental), forma mercadoria e indústria cultural, chamamos *mundo administrado* – e tal é a importância de Weber e de Lukács para este conceito adorniano.

Recebido em: 09/05/2023

Aceito em: 11/09/2023

Publicado em: 24/12/2023



REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. "Die verwaltete Welt oder: die Krise des Individuums". In: Max Horkheimer: *Gesammelte Schriften*. Band 13: *Nachgelassene Schriften 1949-1972*. Frankfurt am Main: Fischer, 1989. pp. 121-142.

ADORNO; HORKHEIMER. *Dialektik der Aufklärung: Philosophische Fragmente*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1988.

ADORNO, Theodor W. "Extorted Reconciliation: On Georg Lukács' Realism in Our Time". In: *Notes to Literature*. 2. ed. New York: Columbia University Press, 2019.

ADORNO, Theodor W. "Cultura e Administração". In: *Indústria Cultural*. Trad. de Vinicius Marques Pastorelli. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

ADORNO, Theodor W. "Para uma crítica social da música no rádio". In: *Indústria Cultural*. Trad. de Vinicius Marques Pastorelli. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

ADORNO, Theodor W. "Résumé sobre indústria cultural". In: *Sem diretriz – Parva Aesthetica*. Trad. de Luciano Gatti. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

ADORNO, Theodor W. "Televisão como ideologia". In: *Indústria Cultural*. Trad. de Vinicius Marques Pastorelli. São Paulo: Editora Unesp, 2020. pp. 221-239.

ADORNO, Theodor W. "Transparências do filme". In: *Sem diretriz – Parva Aesthetica*. Trad. de Luciano Gatti. São Paulo: Editora Unesp, 2021. pp. 129-141.

ADORNO, Theodor W. "Tempo Livre". In: *Indústria Cultural e Sociedade*. Trad. de Maria Helena Ruschel. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

COHN, Gabriel. "Weber, Adorno e o curso do mundo". In: *Sociologia & Antropologia*. Rio de Janeiro, v. 10.02, s.n., 2020. pp. 395-422. Disponível em <https://www.scielo.br/j/sant/a/9zCmWqB5KG7NHDWkqXxbSsR/?lang=pt>. Acesso em 10 de janeiro de 2023.

LIMA, Bruna Della Torre C.; SANTOS, Eduardo Altheman. "De Lukács à Escola de Frankfurt". In: *TRANS/FORM/AÇÃO: Revista de Filosofia*, v. 43, n. Special Issue, 2020. pp. 379-410. Disponível em <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/6805>. Acesso em 07 de maio de 2023.

GREISMAN, Harvey C.; RITZER, George. "Max Weber, Critical Theory and the Administered World". In: *Qualitative sociology*. Berlin/Heidelberg, vol. 4(1), s.n., 1981. pp. 34-55.

JENEMANN, David. *Adorno in America*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

LÖWY, Michael. *A jaula de aço: Max Weber e o marxismo weberiano*. São Paulo: Boitempo, 2014.

LUKÁCS, György. *História e consciência de classe*. 2 ed. São Paulo; Martins Fontes, 2003.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. (Vol. 2). Brasília: Editora UnB, 2004.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. "A 'objetividade' do conhecimento na ciência social e na ciência política". In: *Metodologia das ciências sociais (parte 1)*. 3 ed.. Campinas: Editora Unicamp, 2001.

WEBER, Max. "O sentido da 'neutralidade axiológica' nas ciências sociais e econômicas". In: *Metodologia das ciências sociais (parte 2)*. 3 ed. Campinas: Editora Unicamp, 2001.

ZANOTTI, G. "A dialética negativa de Adorno como filosofia da possibilidade real." *PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 100–124, 2019. DOI: <http://doi.org/10.26512/pl.v7i14.23365>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/polemos/article/view/23365>. Acesso em: 07 de maio de 2023.